CARTAS

Gostaríamos de inicialmente parabenizá-los pela edição de setembro, "Flores — um mercado em expansão", e pela publicação *Agroanalysis*.

Qual não foi no entanto nossa surpresa lendo a matéria "Grande crescimento no mercado das flores" (quadro Floricultura no Nordeste), como também a seção de cartas, ao tomar conhecimento de uma associação de nome Tropiflora. Pedimos, portanto, que esta conceituada revista nos conceda a possibilidade de prestar os seguintes esclarecimentos:

• Em 1964, foi fundada a firma individual Werner Haeberle com nome de fantasia Tropiflora registrado neste mesmo ano junto ao INPI e renovado devidamente desde então. Portanto, Tropiflora é marca registrada atualizada até 1999.

• Produzindo principalmente flores tropicais, atendíamos na época ao mercado local e já em 1968, pode-se dizer, introduzimos essas flores na Europa, exportando regularmente. Ainda em 1968 participamos da exposição de San Remo, conquistando inclusive a medalha de ouro na categoria flores tropicais — helicônias. Como se pode ver, a floricultura brasileira já era então bem-representada no exigente mercado europeu.

• As exportações regulares continuaram até 1974, quando a elevação dos fretes de US$0,45/kg para US$1,80 as inviabilizaram, tornando-as apenas eventuais. Esse problema é ainda hoje apontado, conforme matéria "Potencial da floricultura brasileira", na seção Janela Aberta, nessa mesma edição de setembro.

• Com o ingresso dos filhos, a firma individual Werner Haeberle passou a ser Tropiflora Plantas e Flores Ltda.

Desde 1970, a Tropiflora iniciou o serviço de locação de plantas para empresas, que hoje vem a ser sua principal atividade.

Sinceramente,

Ruy Haeberle
Tropiflora Plantas e Flores Ltda.
Rio de Janeiro — RJ

Por equívoco da redação, deixamos de dar o crédito da entrevista do mês passado com o economista Cláudio Martins, 48 anos, diretor executivo da *Associação Brasileira dos Produtores e Exportadores de Frango (Abef)* ao jornalista Márcio Bueno.

As cartas dos leitores devem ser dirigidas à *Agroanalysis*, Praia de Botafogo, 190, sala 813 — Rio de Janeiro — CEP 22253-900 ou pelo fax (021)536-9207.

É permitida a reprodução total ou parcial dos índices e matérias desde que seja citada a fonte.

AGROANALYSIS

Revista mensal de economia agrícola da Fundação Getulio Vargas editada pelo Centro de Estudos Agrícolas do Instituto Brasileiro de Economia

Fundador:
Julian M. Chacel

EXPEDIENTE

Chefe do CEA/IBRE:
Ignez Vidigal Lopes

Redator-chefe:
Regis Alimandro

Equipe de redatores:
Eliana C.B.L. Viglio (arroz, feijão, meio ambiente, tomate, mandioca, caju), Fernando R. de Freitas Almeida (cereais de inverno, oleaginosas, frutas, vinho), Guilherme Soria Bastos Filho (cacau, açúcar, algodão e índice FGV/Abag), Irene Raguenet Troccoli (fumo, milho, avicultura, suinocultura, laranja), Maria José Cyhlar Monteiro (preços, previsão de safras, legislação), Mauro de Rezende Lopes (comércio internacional, política agrícola), Regis Alimandro (café), Tito B. B. Ryff (meio ambiente).

Gerente Comercial:
Carlos Henrique Tibiriçá Miranda

Colaboradores:
Adib Jamil Amim, Lucio Junqueira Campos (estatísticas de preços), Ana Célia Junqueira Campos, Edmilson Pereira Conceição, Márcio Bueno, Mário Augusto Rodrigues Martins (apoio técnico), Jurandi Soares Machado.

Copidesque:
Maria Adelaide Amorim Oliveira.

Técnicos em processamento:
Bruno da Silva Júnior, Deise Jaffar de Lima.

Estagiários:
Ednéia da Silva Bezerra, Maria das Graças Soares, Renê Bertin.

Secretaria e apoio administrativo:
Claudia Ana Marques, Antonio Barbosa, Antonio Getúlio Corrêa de Oliveira.

Divisão de Gestão da Informação (DIGI)
Diretor: Moacyr Antonio Fioravante

Editora da FGV
Coordenação editorial: Cristina Mary Paes da Cunha.
Editoria de arte: Denilza da Silva Oliveira, Eliane da Silva Torres, Jayr Ferreira Vaz, Marilza Azevedo Barboza, Osvaldo da Silva, Simone Ranna.
Revisão: Aleidis de Beltran, Fatima Caroni.
Produção gráfica: Helio Lourenço Netto, Joel Alves.
Comercialização: Carlos Hamilton Rocha, Valéria Oliveira Santiago.

Vendas de assinatura: José Milton Gondim.

Vendas avulsas: Edna Kumakola

Publicidade:

Belo Horizonte — MG: Tel. e fax: (031) 224-9534; Brasília — DF: Tel. e fax: (061) 577-4883; Porto Alegre — RS: Tel. e fax: (051) 249-7056; Recife — PE: Tel. e fax: (081) 465-1851; Ribeirão Preto — SP: Tel.: (016) 625-9639 — Fax: (016) 625-0521; Rio de Janeiro — RJ: Tels.: (021) 252-8720 e 252-9074 — Fax: (021) 221-5984; Salvador — BA: Tel. e fax: (071) 351-1784; São Paulo — SP: Tel. e fax.: (011) 524-1174.

Livrarias — Rio de Janeiro: Livraria J. Carneiro Felipe — Praia de Botafogo, 188 — Tel.: (021) 536-9105

São Paulo: Livraria Faria Lima — Av. Nove de Julho, 2.029 — Tel.: (011) 281-7875.

Editora da Fundação Getulio Vargas — Serviço de Vendas: Praia de Botafogo, 190 s/607 CEP 22253-900 — ou Caixa Postal: 62.591 — CEP 22257-970 — Rio de Janeiro, RJ — Tels.: (021) 551-0698 e 536-9196.

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS

Instituição de caráter técnico-científico, educativo e filantrópico, criada em 20 de dezembro de 1944 como pessoa jurídica de direito privado, tem por finalidade atuar no âmbito das Ciências Sociais, particularmente Economia e Administração, bem como contribuir para a proteção ambiental e o desenvolvimento sustentável.

Presidente de honra: Luiz Simões Lopes
Presidente: Jorge Oscar de Mello Flôres
Vice-presidente: Mario Henrique Simonsen
Diretora-geral: Celina Vargas do Amaral Peixoto

Conselho Diretor

Presidente: Jorge Oscar de Mello Flôres
Vice-presidente: Mario Henrique Simonsen
Vogais: Celina Vargas do Amaral Peixoto, Eliezer Baptista, Francisco Oswaldo Neves Dornelles, Luiz Fernando da Silva Pinto, Manoel Fernando Thompson Motta, Manoel Pio Corrêa Jr., Marcílio Marques Moreira, Roberto de Oliveira Campos.
Suplentes: Alfredo Américo de Souza Rangel, Carlos Alberto Pires de Carvalho e Albuquerque, Eugenio Emílio Staub, Gilberto Dupas, José Luiz Miranda, Oswaldo Antunes Maciel, Pedro Leitão da Cunha.

Conselho Curador

Presidente: Theodoro Arthou
Vice-presidente: Paulo de Tarso Leal
Vogais: Antonio Monteiro de Castro Filho, Armando Klabin, Associação de Bancos do Estado de São Paulo, Banco Crédit Commercial de France S.A., Carlos Alberto Lenz Cesar Protásio, Diogo Lordello de Mello, Domingos Marques Grëllo, Edmundo Barbosa da Silva, Gilberto Ulhôa Canto, Gustavo de Sá e Silva (Estado de São Paulo), Heitor Chagas de Oliveira, Instituto de Resseguros do Brasil (IRB), José Ephim Mindlin, Mário Abrantes da Silva Pinto, Mauro Salles (Salles-Interamericana de Publicidade S.A.), Paulo Guilherme Aguiar Cunha (Cia. Ultragaz S.A.), Roberto Paulo Cezar de Andrade (Brascan Brasil S.A.), Sindicato das Empresas de Seguros Privados e Capitalização do Rio de Janeiro.
Suplentes: Cristiano Buarque Franco Neto (Banco Bozano, Simonsen S.A.), João Pedro Gouvêa Vieira Filho (Refinaria de Petróleo Ipiranga S.A.), Jorge Paulo Lemann (Banco de Investimentos Garantia S.A.), Lineu de Paula Machado (Banco Boavista S.A.), Luiz Roberto do Nascimento Silva, Marcio João de Andrade Fortes, Maria do Carmo Nabuco de Almeida Braga (Icatu Empreendimentos e Participações S.A.), Patrick de Larragoiti Lucas (Sul América Terrestres, Marítimos e Acidentes — Cia. de Seguros), Pedro Henrique Mariani Bittencourt (Banco da Bahia Investimentos S.A.), Roberto Duailibi (DPZ Propaganda S.A.), Sérgio Franklin Quintella, Unibanco — União de Bancos Brasileiros S.A.

Conselho Consultivo

Abgar Renault, Carlos Moacyr Gomes de Almeida, Gilberto Duarte Prado, Roberto Borges Martins (Estado de Minas Gerais) e Rubens D'Almada Horta Pôrto.

Instituto Brasileiro de Economia
Diretor: Antonio Salazar P. Brandão

Banco de Dados-IBRE
Salomão L. Quadros da Silva

Centro de Estudos Agrícolas
Ignez Vidigal Lopes

Centro de Estudos das Empresas
Sergio Gustavo S. da Costa

Centro de Estudos de Economia e Governo
Lia Valls Pereira

Centro de Estudos de Preços
Paulo Sidney de Melo Cota

Centro de Estudos Tendenciais
Eden Gonçalves de Oliveira

Revista Conjuntura Econômica
Lauro Vieira de Faria

Nesta edição

1 **Entrevista com Edward Schuh**

5 **Cartas**

7 **Especial**

7 **ECO 92 Agenda 21: entre o sonho e a realidade**
Tito Ryff

11 **Direitos de propriedade sobre cultivares no Brasil: há opções?**
André Lacombe
Penna da Rocha

15 **Conjuntura do agribusiness:**

15 **Suco de laranja Inovações no mercado interno**

17 **Trigo Safra ruim, boas perspectivas**

20 **Mandioca Versatilidade mal-aproveitada**

24 **Proálcool O futuro do proálcool**

26 **Índice FGV/ABAG (Iabag) 1995**

28 **Oferta e demanda**

30 **Estatísticas agropecuárias**

36 **Panorama agropecuário**

36 **Mercado externo**

38 **Mercado interno**

40 **Legislação agrícola**

46 **Panorama internacional**

48 **Janela aberta**

Esgotou-se a revolução verde?

Durante as últimas décadas, o mundo não teve razões para se preocupar com questões ligadas à produção comercial de alimentos. Não que a fome tenha sido extinta da face da terra. Persistem inúmeros bolsões de miséria em várias regiões do planeta. Mas ao menos a capacidade de produzir acompanhava o crescimento da população e da renda. O mundo acreditou que essa era uma questão superada pela tecnologia disponível, e os governos concentraram recursos para investimentos em outros setores econômicos.

Esse cenário de relativa tranqüilidade não é tão antigo assim. O rápido incremento populacional no século XX provocou forte pressão sobre a oferta de alimentos, a ponto de serem ressuscitadas concepções malthusianas. As preocupações tornaram-se agudas no final dos anos 60, quando a escassez de cereais levou à alta dos preços mundiais e turvou a visão de um futuro favorável para a humanidade.

Embora algumas regiões do mundo tenham passado por crises de abastecimento alimentar, não se configurou a catástrofe planetária que parecia em andamento. Muito desse desempenho positivo proveio dos esforços de cientistas que pesquisaram e conseguiram fazer disseminar novas variedades de importantes culturas alimentícias e tecnologias apropriadas.

Após a II Guerra Mundial, a independência de ex-colônias africanas e asiáticas deixou a nu as mazelas de séculos de incúria administrativa. Temendo o pior, órgãos como a FAO e o Banco Mundial tentaram oferecer soluções não-traumáticas para a questão hoje denominada "segurança alimentar".

Esse processo foi chamado de revolução verde. Consistiu no lançamento de variedades "milagrosas" de cereais de menor porte, bem mais resistentes a doenças, que permitiram ganhos acentuados de produtividade. A expansão dessas novas variedades foi fulminante, mas o processo em si sempre esteve sob críticas. De fato, ele acelerou a tendência de industrialização da agricultura, pois suas supervariedades nunca deixaram de depender de pacotes tecnológicos, incluindo o emprego de irrigação em larga escala. A lavoura típica da revolução verde é aquela mantida em extensas áreas planas irrigadas, com alta produtividade, muita mecanização e uso de fertilizantes.

Esta edição de *Agroanalysis* aborda essa questão no Panorama Internacional, que traz uma síntese do último relatório do Banco Mundial, referente à importância da pesquisa fitogenética do trigo, e na entrevista com o professor norte-americano Edward Schuh, renomado especialista em economia agrícola.

Schuh alerta para a perspectiva de que a tranqüilidade dos últimos anos pode estar acabando. Nossas variedades mais produtivas ainda são as desenvolvidas nos anos 60 e 70. Desde então, nada de mais avançado surgiu. E a demanda aumenta, ano a ano, em razão do crescimento populacional e da renda, principalmente nos países do Terceiro Mundo. Essa expansão da demanda tem sido atendida, basicamente, pela obtenção de rendimentos físicos cada vez maiores. Schuh lembra que os níveis já alcançados de produtividade estão muito próximos do limite tecnológico das variedades conhecidas. Mais grave é que os recursos para pesquisa são cada vez mais escassos, principalmente nos países desenvolvidos, que concentram a maior parcela do conhecimento acumulado.

Ainda há esperança de que a engenharia genética, de um momento para o outro, desenvolva variedades mais produtivas e resistentes do que as atualmente disponíveis. O fato, porém, é que a engenharia genética obteve, até agora, incríveis avanços na área de genética animal e de hortaliças. Em relação aos grãos, alimento da grande massa mais pobre, a engenharia genética não obteve qualquer melhoria expressiva.

Calcula-se que, nos próximos 30 anos, a produção de alimentos precisará dobrar para atender ao crescimento da população e da renda. Hoje, cerca de 90 milhões de pessoas, um outro México, são incorporadas à população mundial a cada ano. É uma corrida incessante contra o tempo.